

Prof. Leonardo Coelho de Deus Lima

Instituto Federal do Piauí, campus Corrente – Corrente/PI

Título

Educação Física adaptada: análise, reflexão e ação

Resumo

Motivado pelas leituras de Paulo Freire, comecei a me questionar como poderia, na condição de professor de Educação Física, ajustar minha prática pedagógica, de modo a torná-la politicamente comprometida com a realidade social na qual meus alunos estavam inseridos. Após um diálogo com os estudantes, percebi a importância em intervir numa questão que representava uma situação-problema vivenciada pela população local: o respeito aos direitos das pessoas deficientes. Surge, então, a ideia de desenvolver o projeto sobre Educação Física adaptada, realizado com alunos do ensino médio do Instituto Federal do Piauí, campus Corrente.

O projeto de Educação Física adaptada foi organizado em cinco etapas, iniciando-se com a realização de uma pesquisa de campo, passando por um aprofundamento teórico e pela vivência dos esportes adaptados aos deficientes, e finalizando com uma intervenção nas situações-problema diagnosticadas inicialmente.

Identificamos, por meio desta experiência, diversas situações-problema que afetavam a dinâmica de vida das pessoas com deficiência; intervimos nestas situações diagnosticadas; vivenciamos diferentes formas de manifestação corporal no âmbito da prática esportiva adaptada; e refletimos sobre o processo histórico de opressão percebido pelas pessoas com deficiência. Em síntese, a partir das experiências vivenciadas, os estudantes demonstraram ter interiorizado princípios de respeito e solidariedade ao próximo. E esta foi, indubitavelmente, a aprendizagem mais estruturante promovida pelo projeto de Educação Física adaptada.

Planejamento

Entre 2014 e 2016, no período de realização do mestrado, tive a oportunidade de ser aluno do experiente professor Wagner. A partir dos diálogos que tivemos nestes dois anos de convivência, comecei a ler constantemente sobre a vida e as obras de Paulo Freire. Eram sempre leituras impactantes que proporcionavam muitos momentos de reflexão. Muito influenciado por estas leituras, comecei a me questionar sobre o sentido da minha prática pedagógica, com questionamentos do tipo: como ajustar, na minha realidade de professor de Educação Física, minha prática pedagógica, de modo a torná-la politicamente comprometida com a realidade social na qual minha escola e meus alunos estão inseridos? Como promover uma leitura de mundo a partir dos conteúdos discutidos no âmbito da Educação Física?

Fundamentado nestas inquietações, já como professor efetivo do Instituto Federal do Piauí, campus Corrente, comecei a elaborar meu plano de ensino. Percebi que para politizar minha prática pedagógica seria necessário muito mais que uma prática descontextualizada das tão tradicionais modalidades esportivas: futsal, handebol, voleibol e basquetebol. A partir desta reflexão, pensei numa intervenção que pudesse representar o início de uma prática mais crítica. Surgiu daí a proposição de um projeto sobre Educação Física adaptada, até então uma experiência nova aos discentes.

Após a proposição do tema, identifiquei junto aos alunos uma situação-problema a ser diagnosticada na realidade do município de Corrente/PI, a fim de contextualizar nossas discussões. Coletivamente pensamos em fazer um estudo de campo sobre acessibilidade no centro comercial da cidade, pois, segundo os relatos dos estudantes, eram grandes as dificuldades percebidas pelas pessoas com deficiência na cidade devido à falta de mobilidade urbana.

Naquele mesmo dia da reunião com os alunos, nos corredores da escola, percebi o quanto era difícil para Ronny, aluno cadeirante, superar os obstáculos para fazer algo que para muitas pessoas era relativamente simples, percorrer um espaço de 50 metros para entrar na sala de aula. E o que mais me chamou atenção naquele dia foi notar como as pessoas passavam alheias por ele, sem que aquilo interferisse nas suas tarefas pessoais.

Percebi, então, que por meio do projeto da Educação Física adaptada os alunos poderiam vivenciar diferentes dificuldades percebidas pelas pessoas com deficiência e como aquelas experiências poderiam inclusive mudar atitudes, no que tange à construção de um mundo mais solidário. Para isso, além da realização do estudo de campo, foi necessário oportunizar momentos de prática dos esportes adaptados e realizar discussões sobre o percurso histórico da pessoa com deficiência na história da humanidade.

Logo o projeto de Educação Física adaptada teve como propósito central: interiorizar princípios de respeito e de solidariedade ao próximo, e como objetivos secundários: refletir sobre a condição de opressão histórica percebida pelas pessoas com deficiência, vivenciar os esportes adaptados para pessoas com deficiência, avaliar o nível de acessibilidade do centro comercial de Corrente e intervir na realidade social local.

Para consecução dos objetivos traçados, o projeto foi realizado em cinco momentos:

1. Pesquisa de campo: avaliamos a acessibilidade no centro comercial de Corrente. Identificação de situações-problema.
2. Aprofundamento teórico: discutimos em sala de aula textos do livro: A epopeia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje, e assistimos ao documentário: Homo Sapiens: 1900. Foi nesta etapa, também, que o professor de Sociologia, Josemi, participou de nossas discussões, a partir do debate sobre ética e respeito à diversidade humana.
3. Prática: vivenciamos os esportes adaptados para pessoas com deficiência, como, por exemplo, futsal para cegos, golbol e voleibol sentado.
4. Intervenção: participamos de audiência pública, momento no qual pudemos discutir com as autoridades políticas os problemas de mobilidade urbana identificados na pesquisa de campo sobre acessibilidade.
5. Estratégia de conscientização da população: passeata pela cidade, em parceria com o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência (COMUDE), para chamar a atenção do povo para os problemas vivenciados pelas pessoas com deficiência.

Vale ressaltar que todas estas etapas foram viabilizadas por meio do uso dos seguintes materiais: data show, televisão, pincéis, quadro acrílico, bolas com guizo, cadeiras de rodas, muletas e vendas.

Diagnóstico

O projeto foi realizado no Instituto Federal do Piauí, campus Corrente, cidade situada no extremo sul do Piauí, que apresenta um IDH municipal inferior ao do estado, com taxa de 0,642. Considerando que o Piauí apresenta o terceiro IDH-m mais baixo do país, este é, portanto, um indicativo das condições limitadas de vida local e dos problemas enfrentados pela comunidade correntina, muito embora este índice esteja aumentando nas últimas décadas.

A cidade de Corrente é fortemente marcada por sua trajetória de emancipação, com grande influência do protestantismo. É grande o número de igrejas protestantes e de religiosos na cidade, que tem na atividade pecuária sua base econômica.

Neste contexto, a escola (IFPI - Corrente) tem papel de destaque, pois consegue atrair investimentos para cidade, preparar novos profissionais para o mercado de trabalho e capacitar alunos para ingressar no ensino superior, sendo, por isto, um polo educacional que recebe jovens de cidades situadas no extremo sul piauiense, num raio de até 200 km.

A chave para escola ser vista como um centro de excelência educacional é sua grande estrutura, com salas climatizadas equipadas com projetor interativo, laboratórios, atendimento odontológico e psicológico, refeitório, serviço de rotas de ônibus, ginásio poliesportivo e uma rede de profissionais qualificados de diferentes regiões do Brasil. Ou seja, todas as condições necessárias para otimizar e potencializar o nosso fazer docente.

Foi nesta realidade que o projeto de Educação Física adaptada foi pensado e prontamente abraçado pelas turmas de terceiro ano da instituição, que eram bastante heterogêneas, no entanto possuíam algo em comum, o interesse pelo conhecimento. Fruto, talvez, do esforço que precisavam fazer para sair muitas vezes de outras cidades e estar ali juntos aos alunos da cidade. Ademais, todos sabiam que as condições de ensino ofertadas pela escola faziam deles jovens privilegiados e era preciso, portanto, valorizar as oportunidades recebidas.

Para tentar introduzir a temática e avaliar os conhecimentos prévios dos estudantes, alguns questionamentos foram realizados:

Quem são os principais atletas olímpicos do Brasil?

Vários responderam.

E quem são os principais atletas paraolímpicos do Brasil?

Poucos responderam.

Para provocar reflexão, continuei:

Por que desconhecemos nossos atletas paraolímpicos?

Em que outros momentos nós percebemos que as pessoas com deficiência também são esquecidas?

A partir deste diagnóstico inicial, realizado no primeiro encontro, surgiram as ideias de realizar o estudo de campo para avaliar acessibilidade no centro comercial do município e todas as outras etapas do projeto.

Desenvolvimento

O projeto de Educação Física adaptada foi organizado em cinco etapas:

Na primeira fizemos uma pesquisa de campo para avaliar a acessibilidade no centro comercial de Corrente. Nesta fase organizei os alunos em grupos de sete ou oito membros. Cada grupo experimentava uma determinada deficiência física. Enquanto uns utilizavam vendas para simular a deficiência visual, outros usavam cadeiras de rodas ou muletas para simular a deficiência motora. Todos os alunos envolvidos permutavam de grupos para diversificar as experiências vividas. A ideia era fazer os alunos perceberem/sentirem as dificuldades vivenciadas cotidianamente pelas pessoas com deficiência. Avaliamos a existência e funcionalidade das rampas para cadeirantes, a presença de corrimãos para pessoas com baixa mobilidade, a existência de sinais sonoros e pisos táteis para cegos e a conservação da sinalização horizontal e vertical nas vagas de estacionamento específicas para pessoas com deficiência. Passamos uma tarde circulando pelo centro comercial do município.

No segundo momento, após a realização da pesquisa de campo, voltamos para sala de aula para aprofundamento teórico e para discutirmos a experiência realizada no primeiro momento. Constatamos que a maior parte dos estabelecimentos existentes no centro comercial de Corrente não atendia às exigências da Associação Brasileira de Normas e Técnicas e, conseqüentemente, não respeitava a Constituição Federal, uma vez que impedia o direito de ir e vir do cidadão e violava, conseqüentemente, o princípio da dignidade da pessoa humana. Calçadas esburacadas, estreitas, com poucas rampas de acesso, com acúmulo de lixo que impediam o trânsito de pessoas; inexistência de sinais sonoros, de piso tátil; estabelecimentos comerciais com rampas inadequadas, muito íngremes. Ou seja, percebemos o desafio que é para um cadeirante ou para um cego sair de casa, na verdade, mais que um desafio, um risco.

Nesta etapa coletamos dos estudantes relatos de desrespeito ao direito da pessoa com deficiência, com falas do tipo:

“Professor, como não conseguíamos circular pelas calçadas utilizando as cadeiras de rodas, nós descíamos para as ruas para dividir espaço com os automóveis, o que tornava o deslocamento muito perigoso” (Gabriela, após vivenciar deficiência motora).

“Professor, nós não conseguimos entrar em vários locais por falta de rampa de acesso. Era preciso que os vendedores viessem até a porta do estabelecimento para saber o que queríamos” (Daniel, após vivenciar deficiência motora).

“Professor, em algumas situações só nos restava uma alternativa, levantar da cadeira de rodas para superar os obstáculos encontrados” (Kevin, após vivenciar deficiência motora).

“Professor, é impossível um cadeirante ter autonomia num espaço como esse. Em muitos momentos era preciso três ou quatro pessoas ajudando” (João, após vivenciar deficiência motora).

“Professor, não conseguimos ter acesso a algumas calçadas que possuíam rampas porque tinha carros estacionados em frente impedindo a passagem” (Paulo, após vivenciar deficiência motora).

“Professor, estava completamente desorientada, sem o piso tátil não tinha a mínima noção do espaço que podia percorrer” (Kelly, após vivenciar deficiência visual).

“Professor, encontramos nos estabelecimentos comerciais muitos vendedores com boa intenção em ajudar, mas sem saber a forma correta de abordar um deficiente visual” (Jaqueline, após vivenciar deficiência visual).

Após o debate das experiências vivenciadas na pesquisa de campo, assistimos ao documentário Homo Sapiens: 1900 para entendermos como o discurso de eugenia, iniciado na Inglaterra, influenciou negativamente o trato à pessoa com deficiência e discutimos o percurso histórico do deficiente.

Para fechamento da segunda etapa, contamos com a colaboração do professor de Sociologia, Josemi, que abordou a temática “ética e respeito à diversidade”, mostrando uma forma diferente de lançar o olhar sobre a mesma.

Na terceira etapa, conhecemos e praticamos alguns esportes adaptados para pessoas com deficiência. Foram eles:

1. Futebol de cinco: jogo adaptado para deficientes visuais;
2. Atletismo em dupla: prática adaptada para deficientes visuais;
3. Golbol: esporte criado para deficientes visuais;
4. Voleibol sentado: jogo adaptado para deficientes motores;
5. Basquetebol para cadeirantes: jogo adaptado para deficientes motores.

Neste terceiro momento, na prática de esportes adaptados para pessoas com deficiência, os alunos puderam perceber a importância de saber explorar todos os sentidos numa situação de limitação ou ausência de um deles.

Ao término de todas as práticas esportivas, conversávamos coletivamente sobre as sensações e dificuldades percebidas.

Após passarmos pelas etapas de estudo da realidade e aprofundamento teórico, percebemos que não é prerrogativa do século XXI o desrespeito aos direitos da pessoa com deficiência. Na verdade, essa opressão já ocorre desde a antiguidade grega. No entanto, como diria Paulo Freire, história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro é problemático e não inexorável. Daí a importância de tentarmos intervir numa problemática social local. E este foi o último estágio do nosso projeto.

A quarta etapa foi marcada pela realização de uma audiência pública, em que os alunos puderam reivindicar junto às autoridades políticas (vereadores, assessor do prefeito, promotora de justiça e representantes da OAB e da associação dos comerciantes) soluções aos problemas de mobilidade urbana e acessibilidade do município, identificados a partir do estudo de campo. Ao término da audiência, algumas deliberações foram acordadas, como, por exemplo, a construção e/ou adequação de rampas de acesso nos estabelecimentos comerciais e a revitalização de algumas calçadas e das sinalizações horizontais e verticais dos avisos de vaga de estacionamento para deficientes.

A última etapa do projeto de Educação Física adaptada foi marcada pela passeata na cidade, em parceria com o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência (COMUDE/Corrente), para chamar a atenção do povo para os problemas vivenciados pelas pessoas com deficiência. Neste momento

saímos pelas ruas distribuindo panfletos, com uso de cartazes, faixas e carro de som, para mobilizar a população.

As etapas de realização do projeto não foram organizadas por grau de dificuldade, mas foram encadeadas de modo a estimular um maior interesse dos alunos, intercalando momentos de vivência com momentos de leitura e de debate. De acordo com o método freiriano, adotamos a estratégia de partir do concreto ao abstrato para concluir com o concreto pensado. Ou seja, leituras de mundo e da palavra sendo trabalhadas de forma indissociada, com os alunos conseguindo se perceber enquanto agentes sociais de transformação.

O projeto foi realizado no primeiro semestre do ano de 2017, entre os meses de fevereiro e junho.

A interação entre os alunos participantes do projeto foi promovida através da organização das etapas. Na primeira etapa, as mudanças de grupo, para diversificar as experiências vivenciadas, faziam com que os alunos interagissem com diferentes pessoas. Ademais, a estratégia de abordar os conteúdos de maneira dialogada e vivência dos esportes adaptados possibilitaram uma maior interação entre os estudantes.

Durante o período de execução do projeto de Educação Física adaptada, foram vários os momentos significativos, mas, talvez, tenham sido dois em especial que mereçam maior destaque. O primeiro deles aconteceu na prática dos esportes adaptados. No dia estávamos vivenciando o futebol para cegos. Em uma das partidas, uma aluna, Carol, que acabara de entrar, fica imóvel sem demonstrar nenhum tipo de reação. Depois de uns cinco minutos inerte a aluna tira a venda e começa a chorar copiosamente. Percebendo a situação, eu paraliso a atividade, me aproximo da aluna e pergunto o que está havendo, ao que ela me responde:

“Professor, esta é a pior sensação que já tive na minha vida. Esse sentimento de impotência e isolamento me deixou muito angustiada, quando eu percebi já estava chorando”.

Aquela situação comoveu muitos outros alunos. Diante da oportunidade, propus a seguinte reflexão:

Imaginem, então, como se sente quem não tem a possibilidade de tirar a venda?! Quão difícil deve ser para uma pessoa cega querer realizar suas atividades cotidianas e não conseguir por falta de espaços públicos adaptados?!

O segundo momento marcante foi perceber nos alunos, ao término da audiência pública, as expressões de felicidade por notarem que são capazes de mudar histórias, quando agem de forma coletiva.

Diante destes acontecimentos, consegui perceber que a proposta do projeto estava sendo muito bem internalizada pelos alunos e que, de fato, por meio dessas experiências seria possível mudar atitudes.

Avaliação

Aprendizagem

A avaliação do projeto ocorreu sempre de forma processual, de modo a reorientar o processo de ensino e aprendizagem. Percebemos que os objetivos estipulados inicialmente foram satisfatoriamente atendidos: identificamos, por meio da pesquisa de campo, diversas situações-problema que afetam a dinâmica de vida das pessoas com deficiência; conseguimos promover, por intermédio da audiência pública, algumas intervenções, no que diz respeito ao cumprimento dos direitos da pessoa deficiente; vivenciamos diferentes formas de manifestação corporal no âmbito da prática esportiva adaptada; e

conseguimos refletir sobre o processo histórico de opressão percebido pelas pessoas com deficiência. O alcance de todos estes objetivos específicos promoveu a conquista da nossa meta central com o projeto. Os estudantes envolvidos demonstraram ter interiorizado princípios de respeito e solidariedade ao próximo. Isso pôde ser identificado pelo engajamento deles em todas as etapas. E esta foi, indubitavelmente, a aprendizagem mais estruturante promovida pelo projeto de Educação Física adaptada.

A ideia é que o projeto possa ser replicado anualmente para mostrar nossa vigilância no que diz respeito ao cumprimento dos direitos da pessoa com deficiência, em especial, do direito constitucional de ir e vir da pessoa deficiente.

Vale ressaltar que, a partir deste projeto, as ideias para outros foram surgindo, como, por exemplo, criar na escola um projeto de extensão para a prática dos esportes adaptados, com intuito de contribuir para o aumento do nível de atividade física das pessoas deficientes e com o aumento da oferta dos espaços de lazer para este público.

Em síntese, percebi que este projeto de Educação Física adaptada redirecionou minha prática pedagógica, tornando-a mais crítica e politizada. As experiências vivenciadas demonstraram ser possível, na minha realidade de professor de Educação Física, agir de forma comprometida com a realidade social dos meus educandos.

Reflexão

Certamente essa experiência com o projeto de Educação Física adaptada pode ser replicada em outros contextos. Para isso a realização de um estudo de realidade, inicialmente, é de fundamental importância para a orientação das demais etapas do projeto. É imprescindível também que o professor tenha o interesse em abordar os conteúdos de forma a estimular o senso crítico dos estudantes, para que estes se percebam na condição de agentes transformadores de realidades.